

## **O CONTEXTO ESCOLAR – EM TRÊS TURMAS - DURANTE O ESTÁGIO PEDAGÓGICO**

Maria Cristina Cardoso dos Santos

Lunática\_rs@ig.com.br

*Universidade Federal de Santa Maria*

Resumo: O presente artigo corresponde a pesquisa desenvolvida durante três semestres na disciplina de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Os estágios foram realizados em turmas diferentes. Uma turma de 5º série do Ensino fundamental na Escola Estadual Cícero Barreto, no turno da tarde, uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Maria Rocha, também no turno da tarde e uma turma do 1º ano na Escola Estadual Cilon Rosa, esta no turno da noite. As escolas estão localizadas na cidade de Santa Maria /RS. Neste artigo apresento alguns apontamentos sobre minha participação no estágio acompanhados de reflexões sobre essa experiência.

**PALAVRAS CHAVE:** Formação de Professores; Ensino de Artes Visuais; Identidade.

**Abstract:** This paper presents a research developed during three semesters in the discipline Estágio Curricular in the Visual Arts Teacher Training Program. The teacher training program was developed with three different student groups: one at the Escola Estadual Cicero Barreto with primary school fifth grade students in the afternoon, one at the Escola Estadual Maria Rocha with primary school first grade students, also in the afternoon, and another at the Escola Estadual Cilon Rosa with high school students in the evening. The schools are located in Santa Maria/RS, Brazil. In this article I present notes and observations about my participation in the program and reflections about this experience.

**KEYWORDS:** Teacher Training, Teaching Visual Arts, Identity.

### **1. O campo de estágio**

Estágio - palavra que para muitos alunos em formação, denota receio: o que farei quando entrar em uma sala de aula pela primeira vez? Como devo me comportar? O que esperam de mim?

Nessa momento o embasamento teórico é importante, mas não suficiente. Soma-se à teoria, vivências anteriores, sociais, culturais, econômicas, políticas para que ao entrar em sala de aula para realizar o estágio o aluno possa agregar este conhecimento à prática pedagógica e assim construir um espaço de convivência fazendo então o papel de mediador entre conhecimento e realidade.

Estas descobertas/anseios ao longo dos três semestres de estágio vão mostrando-se mais serenas, porém nunca finalizadas, pois em cada turma e em cada escola, a realidade e as descobertas são diferentes. Mas somente assim, é possível iniciar a construção de uma identidade profissional docente.

Ao atuar no estágio, tentando colocar em prática as aulas planejadas, estas muitas vezes se desestruturam quando a realidade não condiz com o que foi

projetado. Durante o estágio é possível reconhecer as diferenças entre turmas e o que é passível de ser executado em cada uma delas.

Há, ainda, dificuldades dentro da própria escola. O estagiário encontra pouco espaço e liberdade para instigar os alunos e, quando o faz, é mal visto pela escola e pelos professores. Se os alunos estão fora das classes, já é motivo para chamar atenção do professor estagiário que não tem “pulso firme” ou que não sabe “controlar” seus alunos. Nas turmas em que acompanhei, sempre houve certas restrições ou acompanhamento por parte da escola. Um exemplo, na primeira escola, ao levar os alunos para o laboratório, o mesmo de ciências, os alunos teriam que ficar sentados e sem mexer em nada, nos esqueletos, cobras (em vidros) entre outros. Neste caso é difícil conter uma turma de alunos de 10, 12 anos, que raramente saiam da sala de aula, para não mexer em nada. Já na segunda, não foi possível extrapolar os limites da sala de aula, pois o laboratório da escola era inadequado para atividades, era muito pequeno. Estas dificuldades nos desapontam na hora da prática educativa escolar.

Na maioria dos casos o que encontramos é o professor regente mais preocupado com a indisciplina dos alunos do que com o processo de ensino/aprendizagem. No caso das artes visuais, o professor está mais envolvido com o fazer prático do que com a teoria, sem lembrar que a docência não pode ser só prática, um mero fazer, porque possui sentidos e significações nos quais teoria e prática andam juntas.

## **2. As turmas**

Estabeleço na seqüência alguns pontos marcantes nas turmas, tanto em relação aos alunos quanto em relação ao contexto escolar e meu aprendizado frente a esta etapa do curso de graduação.

A primeira turma, com 21 alunos, quinta série, por serem ainda crianças foi a turma mais difícil de ser trabalhada, pois não paravam um minuto, estavam acostumados a só fazer trabalhos práticos sem ter que pensar ou questionar sobre algo. Como foi o meu primeiro estágio em artes visuais, não soube me posicionar e atraí-los para temáticas do seu interesse. Mesmo assim, fizeram os trabalhos propostos, mas ficou um déficit da minha parte como educadora e propositora no ambiente escolar. Sinto que pela falta de atenção dos alunos as propostas ficaram

muito no âmbito da prática. Desta forma quis ter uma experiência com adolescente/adultos.

Das turmas, a que mais me envolveu foi a segunda, onde a cada proposta abordada em sala de aula os alunos tiveram interesse em participar, posicionando-se e questionando. A turma era composta por 20 alunos. Uma turma heterogênea de classe média, adolescentes descobrindo-se, calmos e atenciosos, apesar de que na escola eram vistos como uma turma “ruim”. Acredito que quando foram instigados, podendo manifestar-se, foram receptivos comigo e com a proposta pedagógica. Com esta turma pude aprender muito e repensar meu primeiro estágio trazendo o que mais atraía aqueles adolescentes em turbilhão.

Na terceira turma as dificuldades foram outras. Uma turma composta por 11 adolescentes, estudantes do noturno. Muitos trabalhavam durante o dia e estudavam a noite, outros estavam ali por opção. Porém, tinham em comum o desinteresse e a apatia, pois o único objetivo era finalizar o Ensino Médio, sem maiores pretensões. Porém, surpreendi-me ao perceber que a turma participou nas poucas aulas propostas. Poucas aulas é verdade, pois o ensino noturno tem suas peculiaridades e uma delas é a falta às aulas, sempre acontecia algo na escola para que não houvesse aula.

Esses alunos ao serem levados para outro ambiente dentro da escola, como por exemplo, a sala de audiovisual ou o laboratório de informática, souberam reconhecer a importância desta mudança respondendo satisfatoriamente ao que foi proposto.

Ao entrar em choque com três realidades diferentes percebo que cada aluno, cada turma e cada escola, têm suas especificidades e isso instigou-me a estar atenta e a perceber que em cada turma, mesmo que a partir do mesmo projeto de pesquisa, algo teria que ser adaptado ao contexto social e cultural da realidade escolar.

### **3. Questões propostas durante o estágio e o projeto de pesquisa**

O projeto de pesquisa intitulado - Identidade Cultural: uma reflexão sobre seu EU através de suas origens – foi planejado para alunos de Ensino Médio e tinha como objetivo oportunizar uma reflexão acerca da constituição da identidade levando em conta suas preferências, gostos, atitudes, valores e hábitos cotidianos. O projeto tinha como foco um trabalho prático e reflexivo a ser desenvolvido através da linguagem serigráfica e seus desdobramentos no ensino de arte. A idéia era levar os alunos a pensar e resgatar suas origens, perceber as diferenças de identidades culturais, as transformações geradas como resultado de uma globalização que tem sua ênfase na rapidez de informações transmitidas por diversos meios de comunicação. Esta rapidez influencia mudanças e transformações no processo identitário dos indivíduos.

As questões de pesquisa eram as seguintes: Como o aluno compreende a formação/constituição de sua identidade? Quais os valores e preferências dos jovens na contemporaneidade? Que conhecimentos e reflexões sobre arte eles possuem? O que os alunos sabem ou conhecem sobre serigrafia? De que forma o aluno manifesta as preferências do seu cotidiano? Existe interesse dos alunos em se auto-conhecer e conhecer o outro?

Vejo que muitos destes questionamentos no decorrer dos estágios foram ampliando-se e, a cada dia, novos questionamentos surgiam. Nas turmas em que estagiei os alunos pouco se preocupavam com a construção de sua identidade, ou davam-se conta de suas preferências cotidianas sobre arte. Em nenhuma das turmas as respostas foram positivas, sobre serigrafia menos ainda. Eles só foram dar-se conta das questões quando instigados.

Durante os estágios as aulas foram cada vez diminuindo mais e isso interferiu no andamento do projeto. Na primeira turma foi possível realizar a maior parte do eu havia planejado, abordar questões sobre as características dos pais e avós, fazendo relações com as características que possuímos hoje, estabelecendo, ainda, relações com as marcas de consumo e a serigrafia. Porém, essa turma não demonstrou interesse pela proposta e acredito que isso aconteceu em função da idade dos alunos, faixa etária de 10 a 12 anos. Nessa turma trabalhei inicialmente um questionamento sobre o que conheciam sobre arte e pude observar que os alunos tinham pouca informação sobre o tema. O restante das aulas teve como foco uma pesquisa de campo realizada pelos alunos juntamente com seus familiares.

A pesquisa constituiu-se no levantamento de informações sobre os bisavós, avós e pais baseado no comportamento deles na juventude. Partindo dessas referencias foi criada uma Tabela de Características.

Nesta pesquisa instigo os alunos a conhecer suas origens e os costumes que as gerações anteriores possuíam para fazer uma relação entre o que acontecia na arte na época vivida por cada uma das gerações. Foi possível ver a Arte Moderna e a Semana de 22, assim como o Dadaísmo, a Pop Art e o Minimalismo. Através dessa abordagem foi possível mostrar aos alunos que o que encontramos hoje na arte vem se modificando no decorrer dos anos com os artistas sempre buscando mostrar em suas obras mostrar anseios, revoltas ou características de um período.

Assim como na arte nós temos características que são passadas de pai para filho, cada família possui suas tradições e é isto que faz com que cada um de nós tenhamos nossa identidade pessoal. E através das mudanças e da globalização que vamos modificando nossa identidade. Na época dos bisavós eles não tinham acesso aos meios de comunicação que temos hoje e são os meios de comunicação um dos principais formadores da identidade. Após a finalização desta primeira parte questionei os alunos sobre características, ações do cotidiano, hábitos que eles possuem, como: olhar televisão, ir ao supermercado, a tecnologia que possuímos, marcas de preferência, etc. Só então noto o interesse dos alunos, quando falam de coisas que gostam e assim conclui o estágio falando das gravuras, onde os alunos realizaram isogravura.



Na segunda turma foi possível fazer uma relação de características das gerações anteriores dos alunos, abordando também as marcas de consumo e fazendo ganchos com o stencil, onde os alunos puderam fazer sua própria produção. Essa turma esteve sempre disposta a conhecer novas técnicas de arte e debatê-las em grupo. O debate sobre questões de gosto foi bem produtivo e acredito que os mesmos tenham refletido sobre as ações do dia-a-dia. Foi possível trazer para a sala de aula a Pop Art onde além de debater sobre as imagens de consumo os alunos reproduziram sua marca preferida mudando as características principais de seu logotipo. Ainda fazendo essa relação, o trabalho com a imagem da Coca Cola rendeu discussões em sala de aula. Finalizei o estágio apresentando a pichação, o grafite, o stencil, e a serigrafia, onde foi possível que os alunos realizassem o stencil. Eles gostaram da atividade e interagiram bastante.



Trabalho sobre as preferências



Stencil

Na terceira turma, como eu já mencionado, percebi deficiência de conhecimentos básicos sobre o campo da arte. Resolvi, então, iniciar o estágio com a linha do tempo onde sutilmente levei um apanhado sobre as artes plásticas/visuais e seus movimentos. A partir das imagens fui mostrando desde a pintura nas cavernas até a arte contemporânea. Senti-me mais segura e daí em diante aconteceu um diálogo principalmente sobre a arte contemporânea. Observei que nas outras turmas de nada adiantava trazer para a sala de aula a arte contemporânea, pois os alunos estavam preocupados com trabalhos práticos e demonstravam pouco interesse sobre história da arte. Assim, usei a arte contemporânea para re-visitar movimentos artísticos de outros períodos.

Nesta turma, porém, não foi possível dar continuidade às propostas. O trabalho foi truncado, pois inúmeras vezes os alunos não tiveram aula, e isso prejudicou muito a discussão. Essa turma conheceu um pouco sobre o stencil e serigrafia e eu trouxe para a aula imagens e vídeos sobre os mesmos. Concluí o

estágio realizando stencil com os alunos a partir de objetos pessoais que eles têm no quarto.



#### 4. O professor de artes visuais

Concordo com Oliveira (2008, p. 1308) quando se refere ao estágio como “um lugar onde os alunos em formação possam viver e conhecer diferentes situações de vivência, convivência e colaboração; dando abertura à diversidade sempre presente nos grupos”. Em sintonia com o pensamento de Oliveira, Hernández (2005) também explicita essas “situações de vivência, convivência e colaboração” (p. 32). Para Oliveira (2008), essa vivência

Significa que o aluno deve fazer do estágio curricular que, embora possa ser considerado um ‘não lugar’ (AUGÉ, 2003), um lugar de passagem, transitório e efêmero, um lugar também de ‘criação de situações de vivência’. Perceber o espaço onde está inserido e tentar dialogar com este espaço, este grupo, estas pessoas que já conformavam este território antes dele ali chegar. Penso que seja falar de cultura: cultura é o modo/forma de vida de um grupo, são os valores, os sentidos daquela comunidade ou lugar. É a forma como as relações sociais de um grupo estão estruturadas e valorizadas. Nossos alunos precisam perceber um pouco mais a cultura escolar, o ambiente onde estão inseridos, a comunidade, os professores e adequar suas estratégias de ensino a estes espaços. (OLIVEIRA, 2008, p. 1308)

Tal como aparece hoje, a "profissão" docente exhibe, mesmo aos olhos do observador comum, sinais evidentes de precariedade, visíveis pela simples comparação com outros períodos. À parte a nostalgia, que em geral valoriza mais o que já passou, não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo, de respeito e satisfação no exercício do magistério. Outro fator a considerar é a atuação dos professores dentro de um sistema subordinado à uma regulação pelo Estado, o que impõe limites à sua autonomia como grupo ocupacional. Em contrapartida, pelo fato de trabalharem em instituições públicas decorrem inúmeras influências sobre a atuação dos profissionais da educação, integrados em uma rede de interação com colegas, alunos, funcionários, pais, etc.

A idéia de que o professor ensina e o aluno aprende é extremamente forte e modificar essa postura requer uma transformação profunda do conceito de docência e de educação. Uma das conseqüências dessa transformação é a percepção de que o professor, na sala de aula, não é o único detentor do saber, mas está ali para aprender também, principalmente com as diferenças.

Falando das aulas de artes, o que se vê nas escolas são práticas pedagógicas que vão desde as tarefas técnicas, nas quais os alunos executam técnicas propostas pelo professor, à livre expressão, onde cabe ao professor deixar os alunos se expressar de forma espontânea, passando ainda pelo artesanato com fins utilitários. Assim, há um descompasso entre o que se faz nas escolas e o que se produz como arte atualmente. Dificilmente são abordadas questões referentes à arte contemporânea. Conseqüentemente, a arte nas escolas torna-se uma produção do passado, na qual tudo é distante dos dias atuais e da vida dos alunos. Muitos professores deixam de trabalhar a arte contemporânea por terem um certo estranhamento com a produção atual e assim a excluem de seus planos de aula. Se os professores fizessem este contato dentro das escolas, possibilitariam aos alunos terem uma visão de arte como processo ativo e dinâmico, que não se relaciona apenas com um passado distante, mas com o atual momento em que vivemos. Como Harold Rosenberg (2004) diz: "A nova Arte é valiosa por introduzir no espectador um novo estado de percepção e pelo que lhe revela sobre si mesmo, sobre o mundo físico ou simplesmente sobre o modo de reagir às obras" (p. 237).

As salas de aula devem ser um espaço de reflexão, investigação e produção de conhecimento e não apenas de execução de trabalhos de efeito visual



satisfatório, mas com pouca relação com a vida ou mesmo com a arte de nossos dias. Isto depende do professor e para tal hoje é possível realizar uma formação continuada em que professores podem re-visitare saberes, muitas vezes cristalizados e ao retornar a sala de aula podem repensar suas práticas pedagógicas.

Apesar de todas as dificuldades que encontramos para realização do estágio, mais precisamente pela falta de estímulo por parte dos professores das escolas, penso que nós, alunos ou professores em formação, devemos estimular e tentar integrar este professor da escola, fazê-lo pensar diferentes formas de apresentar e trabalhar arte com os seus alunos. Considero que esta é uma das tarefas do estágio, contagiar este profissional, talvez um pouco acomodado, esquecido, mas que pode sentir-se encorajado pelo nosso trabalho.

## **5. Considerações finais**

Esta pesquisa apresentou algumas experiências vividas durante os três estágios do curso de artes visuais – licenciatura, onde apontei alguns problemas que encontramos ao entrar no espaço escolar, ressaltando peculiaridades de cada escola e de cada turma. Ficam evidentes defasagens no ambiente da escola devido a pouca remuneração, a acomodação, nostalgia por parte dos professores, um tipo de ‘fazer por fazer’ que infelizmente está muito presente nas aulas de artes visuais. Isso influencia e põe a prova a importância do estágio, onde nós alunos levamos para cada contexto (turma/escola) aulas planejadas com a expectativa de motivar e criar vínculos com o cotidiano dos alunos.

As diferenças entre as turmas trabalhadas vão desde aquela com pouco interesse, passando, ainda, pela turma que se interessou pela proposta e para a qual quase não dei aula. Assim, foi possível conhecer, me inserir-se e participar de diferentes realidades escolares. Aproveito para ressaltar a importância das aulas do Laboratório de Artes Visuais (LAV), onde foi possível realizar troca de experiências com os outros colegas também fazendo estágio em escolas de Santa Maria.

Ao concluir esta pesquisa, posso constatar que há muito a ser feito nossas escolas e há uma longa caminhada a ser empreendida em relação à prática docente em artes visuais. Ao iniciar o projeto tinha o intuito de introduzir e aprofundar a técnica da Serigrafia e com isso estimular um processo de auto conhecimento entre os alunos. Porém, a realidade se revelou bem diferente do que esperava. Com esse

trabalho e pesquisa realizados durante o estágio, pude conhecer um pouco dos gostos e preferências dos alunos, das turmas e escolas nas quais atuei, mas reconheço que isso é muito pouco, é insuficiente. Pretendo continuar esta pesquisa na expectativa de aprofundar este estudo e abranger outras escolas com o objetivo de que a prática da serigrafia se torne conhecida e difundida entre os alunos e com isso possa ser útil na formação escolar.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1985.

BRITES, Blanca e ELIDA, Tessler. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

LÜDKE, Menga. **Educação & Sociedade - Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**.mht.

FREEDMAN, Kerry. **Ensenar la cultura visual: currículum, estética y la vida social del arte**. Ediciones Octaedro: Barcelona, 2006.

FREITAS, Deise Sangoi; GIORDANI, Estela Maris e CORRÊA, Guilherme Carlos (orgs). **Ações educativas e estágios curriculares supervisionados**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

FUSARI, Maria de Rezende & FERRAZ, Maria Heloísa. **Arte na Educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

GAUTHIER, C. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisa contemporânea sobre o saber docente**. Ijuí: UNIJUI, 1998.

LAROSSA. **Notas sobre a experiência**. Texto retirado do site; [http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo\\_estudos/GE01-3445--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3445--Int.pdf)

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Cinco proposições para pensar a formação inicial em Artes Visuais**. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Anais, Florianópolis: UDESC, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **A didática como mediação na construção da identidade do professor -uma experiencia de ensino e pesquisa na licenciatura**. In: André, Marli Elisa D. A e Oliveira, Maria Rita N,S. (Orgs). Alternativas no ensino didático. São Paulo: Papirus, 1997, p. 37-69.

ROSA, Maria Cristina da. **A formação de professor de arte: diversidade e complexidade pedagógica**. Floripanolis: Insular, 2005.

VASCONCELOS, Sônia Tramujas. **Formação, docência e Ensino da Arte: Situações percebidas no estágio curricular.** In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Anais. Florianópolis: UDESC, 2008.